

prisma.soc

Newsletter da Sociologia de Coimbra

Número 4 | março 2017

FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Editorial (2)

Diálogos inusitados

Caynã de Camargo Santos (3)

Izabela Romanoff Paiva (5)

No terreno

Pedro Quintela (7)

Rita Brás (14)

Vaivém

Sebastián Zúñiga Gougain (9)

Entrevistas

Pedro Hespanha (11)

Michael Löwy (20)

A sociologia mexe

Sílvia Ferreira(15)

À margem

José Arruda (17)

O que é ...

Rita Henriques (18)

Projeto

Memoirs (19)

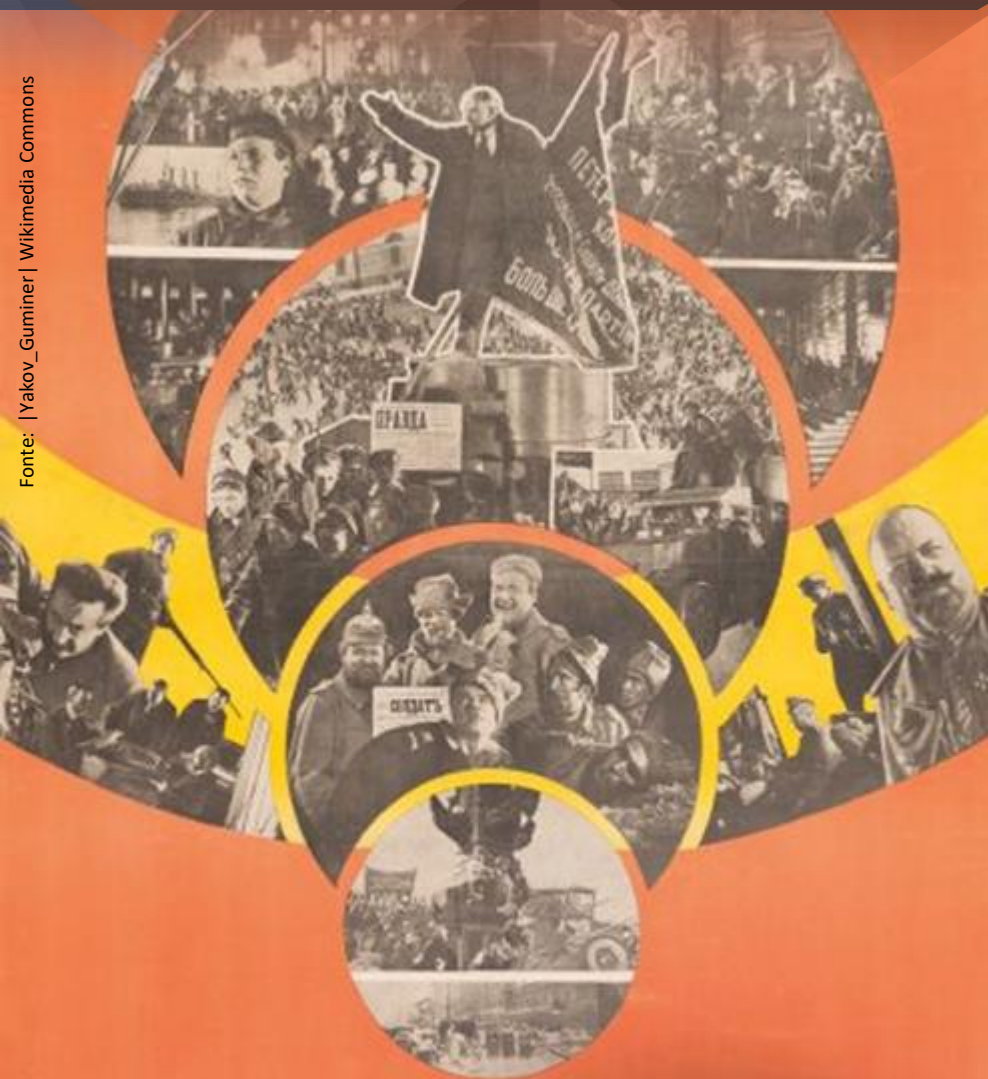
U F A!...

Teses e Dissertações (23)

ENES

Março | FEUC (24)

Fonte: |Yakov_Guminer| Wikimedia Commons



1 9 1 7

2 0 1 7

100 anos nunca são 100 anos

*Os anos de agora não passam como os de antes
Gabriel García Márquez | 100 anos de solidão*

A “Guerra dos 100 anos” durou 116 anos. Os “Centenários” de uma República de Coimbra são anuais porque, em Coimbra, um ano vale por 100. Em 2015, John Malkovich rodou um filme, realizado por Robert Rodriguez, baseado num guião que o próprio Malkovich escreveu, apresentou-o no Festival de Cannes de 2016 e, sem o exhibir, “engarrafou-o” em Cannes, levando-o para Cognac, onde foi depositado nas caves que fabricam a bebida que demora 100 anos a estar pronta: o “conhaque Louis XIII”. A garrafa abrir-se-á automaticamente no dia 18 de novembro de 2115. Entretanto, Malkovich e Rodriguez distribuíram os convites para a estreia, de modo a que os convidados os possam deixar aos seus descendentes. O filme chama-se “100 anos: o filme que você nunca vai ver”. Já o cientista futurólogo George Friedman publicou, em 2009, “Os próximos 100 anos: uma previsão para o século XXI”. Nesse livro, Friedman tenta mostrar-nos com grande detalhe como vão ser os próximos 100 anos. Em relação aos primeiros 8 anos, Friedman enganou-se redondamente. E daqui a 92 anos não estará cá para ter de ser confrontado com as suas previsões. Há 100 anos ocorreu a Revolução Russa de 1917. E 100 anos é muito tempo. É suficientemente longínquo para não vermos facilmente atrás aquilo que nos formata como somos e para não estarmos no futuro onde o filme do presente vai ser revelado. É tempo suficiente para termos vários guiões de um mesmo filme.

Trazemos, como tema, para a capa e para o miolo do nº 4 da Prisma.soc, a Revolução Russa. Nos seus 100 anos, a Revolução Russa permite-nos refletir sobre a não linearidade e sobre a perceção subjetiva do tempo. De facto, passa diferente o tempo nas Coimbras e nas Cognacs onde vivemos. Como nos mostra Michael Löwy na entrevista que nos concedeu aquando da sua recente passagem pela FEUC, a Revolução Russa mantém-se simbolicamente viva no imaginário dos revolucionários. Para estes, será talvez preciso aprender de novo a andar de bicicleta de modo a enfrentar os pulhas do nosso tempo. A cronologia breve que apresentamos não só nos recorda o que nos formata como Europa como nos lembra que de vez em quando há uma garrafa que se abre com um guião à margem de qualquer previsão. Até porque daqui a 100 anos a Revolução Russa de 1917 fará 200 anos.

Vivemos um tempo de diálogos inusitados em que parece ser mais fácil assistir à aproximação da física teórica aos estudos feministas que à aproximação da ciência à ética. Um tempo de heranças pesadas ... do nazismo ... do comunismo ... das bombas atómicas ... ou das heranças coloniais para as quais olhamos através do projeto “Memoirs”. Um tempo que é também ritmado por aquilo que fazemos no dia-a-dia e que nos confere uma identidade grupal.

Vamos ao terreno com quem está a desenvolver a sociologia para concluir um grau ... com quem se esforça por mudar as pessoas e a cidade onde vive ... com quem se sente desafiado a aprender a viver noutra lugar. Regozijamo-nos com os que avançaram nos seus estudos e damos conta da nossa vida de todos os dias e dos eventos que levamos a cabo. Afinal, já passaram mais de duas vezes 100 anos desde que Sieyès usou o termo sociologia pela primeira vez e não falta muito para que se cumpram 200 anos desde que Comte elaborou o conceito. Como se vê neste número da Prisma.soc, estamos entusiasmados para os próximos 100 anos.

Comissão Editorial

Carlos Fortuna – Professor de Sociologia
Caynnã de Camargo Santos | Doutorando em Sociologia
Daniel Glória | Licenciatura em Sociologia
Inês Almeida | Doutoranda em Sociologia
Izabela Romanoff Paiva | Doutoranda em Sociologia
Paulo Peixoto | Pofessor de Sociologia
Rita Henriques | Doutoranda em Sociologia
Rômulo Andrade de Oliveira | Doutorando em Sociologia
Sílvia Ferreira – Professora de Sociologia

Como a física teórica está contribuindo com os mais novos debates dentro dos estudos feministas e de gênero

Caynnã de Camargo Santos | Sociologia, FEUC

Não deve ser motivo de grande surpresa a afirmação de que as aproximações entre a física e a sociologia não são novas. Já nas raízes da disciplina sociológica encontramos Comte e sua Física Social, embebida pelos anseios positivistas do pensador francês. Essa mesma ênfase em uma perspectiva analítica advinda das ciências naturais se fez presente em Durkheim. No decorrer do século XX, os diálogos entre esses dois domínios do conhecimento se apresentaram em diversos contextos e sob variadas formas. A título de exemplo, lembremos do emprego metafórico da noção de “campo” por Bourdieu, em referência à teoria dos campos de força da termodinâmica. Seu uso permitiu que o sociólogo francês descrevesse a perda de potencial de inovação na transição entre vanguardas literárias como um processo entrópico experienciado no campo da literatura.

Porém, é apenas nos primeiros anos do século XXI que os mais recentes debates da física teórica, em especial aqueles orientados por uma visada pós-newtoniana, passam a ser introduzidos no âmbito dos estudos das mulheres, feministas e de gênero. As razões de tal demora, sem dúvida, poderiam ser objeto de outro artigo. Dadas as limitações de espaço, acentuemos de modo sucinto que a inserção da perspectiva das ciências naturais (principalmente da biologia e da física) nos estudos de gênero e das diferenças sexuais tem historicamente encontrado resistência, devido ao fato da idéia de “natureza” ter sido tradicionalmente mobilizada por diversos movimentos políticos e teóricos visando justificar as relações sociais de opressão entre os sexos com base em supostas diferenças naturais entre homens e mulheres.

Apesar disso, é exatamente na física que a pensadora feminista norte-americana Karen Barad irá buscar suas bases conceituais para edificar sua versão de “neomaterialismo”, uma tendência político-teórica que tem gerado polêmica dentro dos estudos de gênero e das diferenças sexuais nos últimos tempos.

Física de formação, Karen Barad recorre aos trabalhos do dinamarquês Niels Bohr para fundamentar sua releitura das relações estabelecidas entre matéria e discurso, natureza e cultura, em meio aos processos de constituição sexual, visando transversalizar os fluxos entre esses aparentes lados opostos sem garantir prioridade a nenhum deles. Da “filosofia-física” de Bohr, Barad reterá a recusa da “metafísica atomista que compreende ‘coisas’ como entidades ontologicamente básicas” (Barad, 2003: 813), posição basilar de sua proposta de uma ontologia relacional. Tendo em mente os objetivos da presente exposição, deteremo-nos na apresentação sintética da maneira como a posição de Bohr acerca do dilema da dualidade onda-partícula informou os desenvolvimentos teóricos de Barad

Como se sabe, o debate sobre a natureza ontológica da luz tem gerado posicionamentos diversos desde o século XVII e figura como problemática de grande importância em meio às tensões entre mecânica clássica e quântica. Lembremos brevemente do famoso experimento de Thomas Young, no qual um feixe de luz atravessa uma grade de fenda dupla e, ao fazê-lo, apresenta comportamento ondulatório. Em seguida, com pequenas modificações no aparato observacional, o feixe se comporta também como corpúsculo. Esses dois resultados parecem ser contraditórios e questionam um dos fundamentos da física newtoniana, que prevê que um mesmo fenômeno só pode apresentar propriedades de onda ou de partícula. Nesses termos, não poderíamos definir a verdadeira natureza ontológica da luz. >>>

Em 7 de novembro de 1917 (25 de outubro no calendário russo da época), Vladimir Lenin e os bolcheviques derrubaram o governo russo. A prioridade de Lenin era acabar com o envolvimento da Rússia na Primeira Grande Guerra.

A solução de Bohr para esse paradoxo é disruptiva: não há real contradição entre os dois resultados do experimento, uma vez que ao modificarmos os aparatos de observação, estamos simultaneamente transformando o status ontológico do fenômeno em questão. A noção de um determinado “objeto” ontologicamente separado dos mecanismos empregados para sua observação é um falso referente inicial. A unidade epistemológica fundamental não é esse objeto independente, com limites e propriedades previamente definidos, mas um fenômeno, constituído na/pela inter-relação daquilo que entendemos como luz e os instrumentos mobilizados para sua observação.

Para Barad (2003, p. 815), fenômeno refere-se à “inseparabilidade ontológica de ‘componentes’ intra-ativos agenciais”, uma espécie de “átomo relacional” constituído (e constitutivo) de dimensões observacionais e materiais, que continuamente “atua” seus limites e características. Cria-se então uma via bidirecional que une epistemologia e ontologia, permitindo que a teórica norte-americana, se opondo ao dualismo cartesiano, ressalte a natureza relacional material-discursiva dos corpos humanos e não-humanos.

Em síntese, um dos principais “movimentos” conceituais de Karen Barad é sua transposição da perspectiva epistemológica de Bohr para o âmbito da ontologia, dando forma a uma “onto-epistemologia” - ou mesmo “ético-onto-epistemologia” (Barad, 2007: 185). A partir dessa visada, tornam-se confusas (quicá impossíveis) quaisquer tentativas de separação rígida entre o “conhecer” e o “ser”, uma vez que é evidenciado o caráter co-constitutivo das relações estabelecidas entre arranjos discursivos-observacionais e “objetos” reconhecidos como independentes, em meio ao processo de formação da realidade percebida como “física”. Temos, portanto, mediante a mobilização da perspectiva da física quântica, a obliteração de fronteiras rígidas, no sentido da construção de uma ontologia relacional que caracteriza a diferença sexual enquanto fenômeno que se materializa no inextricável entrelaçamento de natureza e cultura, matéria e discurso, se opondo simultaneamente a construções sociais totalizantes (que marcam projetos como o queer) e naturalismos biologizantes (expressos, por exemplo, pela sociobiologia anti-feminista).

Referências bibliográficas

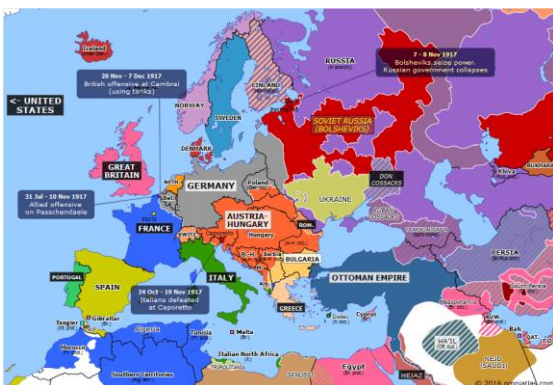
Barad, Karen (2003). “Posthumanist Performativity: Toward an Understanding of How Matter Comes to Matter.” Signs: Journal of Women in Culture and Society, nº 28(3), 801–31.

Barad, Karen (2007). Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning. Durham: Duke University Press.

No último Congresso Português de Sociologia, Carlos Fortuna foi o comentador da Conferência Inaugural de David Harvey



A Europa em dezembro de 1917 – Omniatlas, 2016 Apresentação do Encontro Nacional de Estudantes de Sociologia



Mobilização em torno da liberação do uso de células estaminais embrionárias para fins científicos no Brasil e em Portugal

Izabela Romanoff Paiva | Sociologia, FEUC

Com a reabertura democrática, os tribunais têm sido utilizados como estratégia política de grupos e movimentos sociais. O advento da Constituição nos dois contextos, Brasil e Portugal, foi marcado tanto pela expansão da previsão normativa de direitos, quanto pela utilização de instrumentos processuais, em conciliação com a legitimação de organizações civis e agentes políticos as proposições de ações judiciais.

Os tribunais de forma bastante ampliada, tornaram-se palco em que grande gama de assuntos de natureza econômica, política, moral, que não eram questões judicializadas, se transformaram em controvérsias jurídicas e judiciais. Tais questões transformam-se em demandas, que, ao dizerem respeito ao interesse público, podem adquirir cunho constitucional e/ou penal.

Os assuntos levados à corte, agora judicializados, versam desde a proteção das liberdades individuais e/ou de grupos (discriminação relativa a crença, a sexualidade), até à condução da política e administração pública (combate à corrupção, uso de cargos de forma ilícita), passando pelas situações consideradas exploratórias quanto à utilização de animais (na alimentação, vestuário, pela ciência). Também é expressivo o número e perfil de agentes que recorrem ao mesmo portando as mencionadas demandas: movimentos sociais, partidos políticos, sindicatos, grupos religiosos, grupos científicos, etc.

Entre os exemplos de temas que passaram a ser discutidos nos tribunais, formaram-se também novas categorias. Uma dessas categorias é composta por questões de cunho concomitantemente ético-moral e científico, relacionadas à vida humana, como, por exemplo: a interrupção da gravidez quando clinicamente constatada anencefalia do feto; a discussão sobre reprodução assistida; eutanásia; engenharia de tecidos; clonagem e a questão que é aqui centralmente tratada, a utilização de células estaminais embrionárias para fins científicos.

O presente ensaio tem por tarefa averiguar quais foram as estratégias de mobilização geral e mobilização legal adotadas, levando também em consideração a politização da ciência e da religião ocorrida dado o contexto.

Salvar vidas, mas estas ou aquelas?

A questão da liberação do uso de células estaminais embrionárias para fins científicos engendra debates e a polêmica diz respeito reiteradas vezes ao par de oposição “técnica x ética”. A busca pela imortalidade corporal encontra apoio na função estaminal, fazendo com que fale-se tanto sobre potencialidades desta terapia celular, quanto de restrições de cunho ético, o que faz da temática verdadeiro *tabu*.

Com a regeneração celular propiciou-se a descoberta de uma função celular nova, a função estaminal. Há “promessa” de que poderá-se regenerar partes do corpo. Há também divulgação dos avanços da utilização das células estaminais em decorrência do potencial de diferenciação e capacidade de auto-renovação das células estaminais embrionárias, que diferem das restantes células que compõem o organismo, sendo estas células portadoras de características particulares, posto que sua designação não foi determinada, podendo, portanto, transformar-se em diversos tipos de células diferentes, mediante um processo denominado diferenciação.

Ocorre que a pluralidade de proveniência das CE é onde se inicia o problema ético. A obtenção de CE de tecidos já nascidos ou adultos não tem levantado questões ao nível ético, mas existem grandes limitações quando pretende-se fazer uso de embriões para obter as CE. Então a questão é sobre salvar estas vidas (embrionárias) ou aquelas vidas (de pacientes com patologias até então sem cura). >>>

Lenin foi forçado a pagar um alto preço pela paz. Em 6 de março de 1918, assinou o Tratado de Brest-Litovsk, reconhecendo efetivamente o domínio alemão sobre os territórios anteriormente russos da Europa Oriental.

No final deste ano, com o fim da Primeira Grande Guerra e o colapso do Império Austro-Húngaro, as nações mais pequenas da Europa Oriental aproveitaram a oportunidade para se afirmarem. A Polónia ressurgiu como um estado independente após 123 anos de dominação estrangeira, enquanto os checos e eslovacos se juntaram para formar a Checoslováquia e os sérvios e outros eslavos do sul uniram-se para formar a Jugoslávia.

No Brasil, a estrutura de oportunidades políticas ofereceu às questões judicializadas, desde a Constituição de 1988, recursos normativos, processuais, políticos que legitimam especialistas a fazerem política. Grupos de cientistas e políticos fazem política, ao valerem-se do judiciário para discutir questões de caráter ético-moral. E para que houvesse possibilidade desta demanda, de cunho concomitantemente ético-moral e científico, ascender aos tribunais por meio da mobilização política do direito realizada por seus agentes, como estratégia, valeram-se do uso de quadros para modificar o discurso e ações para que estas não mais versassem sobre somente avanços científicos, mas dizendo respeito à vida, o que foi fundamental à abertura dos meios legislativo, judiciário e executivo, bem como, para a abertura da discussão para fora dos limites dos centros de pesquisa, transmutando-a do âmbito privado ao público. Tal redefinição foi fundante. Assim a mobilização do direito passa a ser estratégica simbólica, ao passo que transformou e ampliou seus significados, como política, tomando espaço que anteriormente não tomava com a finalidade de legitimar-se.

A análise do repertório dos grupos pró e contrários à viabilização da pesquisa no país não demonstrou que apenas a área judicial foi suficiente, embora tenha sido fundamental. Houve repertório amplo de ações dos agentes em meio ao percurso decorrido desde meados de 2000 até 2008; lobby nos três poderes, legislativo, executivo e judiciário e larga utilização das formas mais diversas que compõem a mídia nacional e internacional. A criação e viabilização da lei n.º 11.105/05, lei de Biossegurança, ações judiciais, incluindo iniciativa pioneira, a Audiência Pública do dia 20 de Abril de 2007, Petição Pública e aproximação às ONG's relacionadas aos projetos de tratamento às pessoas cujos males podem, segundo os cientistas, no futuro, ser tratados mediante a utilização terapêutica de células estaminais embrionárias.

Já em Portugal, em termos de legislação acerca da questão das células estaminais embrionárias, optou-se até o ano de 2006 por não disciplinar especificamente a questão do embrião que não seria destinado para implante. A norma geral vigente era a Declaração de Oviedo, cujo nome formal é Convenção dos Direitos do Homem e da Biomedicina do Conselho da Europa, havendo também que fazer-se ponderação sobre o artigo 24º da Constituição da República Portuguesa que define a vida humana como inviolável, o artigo 66º do Código Civil que confere a personalidade jurídica ao homem após o nascimento, no entanto, considera a atribuição de direitos ao nascituro. E por fim, o artigo 1878º do Código Civil, que assevera que é de responsabilidade dos pais a representação dos filhos, mesmo que nascituros.

Os especialistas mais apreensivos poderiam alegar que, ao contrário do que parecia, a legislação existente até então, ainda que diminuta, era suficiente para assegurar a não mercantilização e/ou não instrumentalização do embrião, mas alegavam que a legislação existente era vaga o bastante para que pudesse ser utilizada de forma questionável do ponto de vista ético. Então, a lei n.º 32/2006 de 26 de Julho é promulgada, não sendo uma lei específica sobre utilização de células estaminais embrionárias para fins científicos, mas a lei de procriação medicamente assistida. Após a promulgação da lei, há proibição da patente de investigação em células estaminais embrionárias humanas realizada pelo Tribunal de Justiça da União Europeia. Depois, são divulgados pareceres dos órgãos responsáveis por deliberar sobre a questão, sendo os mesmos a Associação Portuguesa de Bioética, o Conselho Nacional de Procriação Medicamente Assistida e o Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida. Os grandes mobilizadores, neste caso, foram os especialistas, sobretudo quando a finalidade era criticar e/ou limitar as pesquisas, o embate ocorria nos órgãos deliberativos e o posicionamento da população, outros possíveis grupos de mobilização ou de figuras políticas, salvo em situações deveras particulares, não deteve ampla dimensão.



Trabalhadores da Alemanha de Leste construindo o Muro de Berlim em 1961
| Domínio Público

1918-1922

Quando a Grande Guerra terminou, os bolcheviques renunciaram ao seu tratado com a Alemanha e começaram a reconquistar o antigo Império Russo. A Europa estava muito instável e os revolucionários comunistas em todo o continente uniram-se à causa bolchevique. O mais bem sucedido foi Bela Kun na Hungria, que invadiu a Checoslováquia.

Com o sucesso obtido na Rússia, os bolcheviques esperavam espalhar a Revolução pela Europa. No entanto, os contratempos enfrentados no Ocidente, especialmente contra a Polónia, e os distúrbios populares em grande escala em casa forçaram-nos a pôr fim às políticas de expansão e concentrar-se na reconstrução da economia soviética.

Os desafios da abordagem sociológica ao trabalho criativo: breve apontamento sobre uma pesquisa em curso

Pedro Quintela | Sociologia, FEUC

O debate em torno da relevância do *setor cultural e criativo* assumiu um grande protagonismo nos últimos 15 anos, afirmando-se com uma das principais “agendas” políticas na Europa; simultaneamente, o tema tem despertado bastante interesse académico, dada a quantidade de pesquisas realizadas nos últimos anos, sob distintas perspectivas disciplinares e com ângulos de análise diversificados (Flew, 2012). É neste quadro que a análise do *trabalho criativo* assume grande pertinência e atualidade, havendo referências em várias publicações técnico-científicas, bem como noutro tipo de documentos de cariz político, acerca da importância dos *profissionais criativos* no sucesso das estratégias de desenvolvimento económico e territorial. Estas abordagens têm em geral um cariz macroeconómico, revelando escassas preocupações em conhecer, aprofundadamente, as características, condições e modalidades em que este tipo de trabalho se desenvolve. Contudo, o trabalho criativo está longe de ser uma realidade de fácil tipificação, não sendo lineares as articulações que, através dele, se tecem entre as esferas cultural e económica. É justamente neste contexto que a investigação sociológica sobre trabalho criativo, recorrendo sobretudo a metodologias de forte cariz qualitativo, tem evidenciado a sua relevância, permitindo traçar um quadro mais rico das múltiplas situações e contextos laborais existentes nos vários domínios artísticos, culturais e criativos (Lee, 2013).

Esta introdução busca enquadrar sinteticamente a pesquisa de doutoramento que estou a desenvolver e acerca da qual tentarei aqui partilhar algumas reflexões. Nesta investigação procuro aprofundar a análise deste tema a partir do estudo de uma área criativa ainda pouco explorada na investigação sociológica, nacional e internacional: o design de comunicação. Tradicionalmente ignorado por alguns *mundos da arte* e pela academia, o design constitui um domínio interessante para o estudo do setor criativo, na medida em que, historicamente, sempre esteve na charneira entre arte e indústria, antecipando, de algum modo, o conceito de *indústrias criativas*. Embora se assista a um crescente reconhecimento da relevância do design, é ainda escasso o conhecimento sobre os diversos contextos e modalidades em que os designers desenvolvem o seu trabalho. Esta lacuna torna-se evidente no contexto português, onde o interesse da sociologia pelas questões trabalho no setor cultural e criativo é recente e bastante parcelar no que concerne aos campos profissionais abordados (Quintela, 2017).

Esta investigação propõe-se a analisar o trabalho criativo em design de comunicação à luz das especificidades do contexto português. Para tal, foi desenvolvido um modelo analítico que procura compatibilizar uma abordagem micro e macrosociológica, de forma a captar, na sua complexidade, a multiplicidade e heterogeneidade de discursos e contextos desta prática profissional. Para construir este olhar sobre o trabalho criativo em design de comunicação, mobilizaram-se diversos instrumentos e técnicas de pesquisa, incluindo: análise documental; análise estatística de fontes oficiais relacionadas com o setor cultural e criativo em Portugal; inquérito *online* sobre a situação profissional dos designers portugueses; conversas informais e entrevistas com designers, críticos e especialistas; observação direta de vários eventos relacionados com esta área. >>>

1922-1939

Hitler conquista o poder, tornando-se Chanceler em 1933

Em março de 1938, Hitler anexa a Áustria à Alemanha

Em agosto de 1939, a Alemanha assina um acordo com o inimigo (a União Soviética). Em setembro invade a Polónia. Dois dias depois começa a Segunda Guerra Mundial.

1939-1942

Na sequência do acordo com a Alemanha, a União Soviética invade o leste da Polónia, estabelece a sua influência nos estados bálticos e tenta invadir a Finlândia.

É muito frequente, durante a fase de elaboração do projeto de pesquisa, não conseguir-se antecipar completamente os obstáculos que poderão surgir durante a recolha de informação; contudo, quando estes surgem constitui um desafio encontrar alternativas e soluções que os permitam ultrapassar, de forma a assegurar a obtenção do material empírico pretendido. Nesta investigação ocorreram alguns percalços, o que exigiu a revisão da abordagem empírica e a adoção de novos instrumentos de recolha de informação que complementassem a recolha de dados. Muitas destas dificuldades decorreram da abordagem qualitativa proposta, cuja concretização exigia o acordo e colaboração ativa dos vários atores e instituições com quem interagi ao longo da investigação. Por exemplo, no desenho da pesquisa previ o mapeamento e observação direta de diferentes espaços de trabalho em design, cuja concretização se veio a evidenciar muito difícil devido à pouca abertura dos designers contactados para uma maior permanência do investigador no seu atelier. Assim, foi necessário rever a abordagem inicial, optando por recolher informações adicionais sobre algumas destas dimensões nas conversas informais que mantive e, sobretudo, nas entrevistas realizadas, que frequentemente contemplavam a visita ao *atelier* ou agência de publicidade. Todas as técnicas e metodologias têm vantagens e limitações, não sendo evidentemente possível captar numa entrevista o mesmo tipo de informação recolhida durante um período longo de observação. Ainda assim, considero que, ao reforçar a importância da técnica de entrevista no quadro da investigação, consegui enriquecer esta dimensão de análise, captando muitas vezes nos discursos dos entrevistados descrições e representações densas acerca do modo como estes interpretam e valorizam as suas práticas profissionais e os seus contextos de trabalho.

Ao longo da investigação foi necessário tomar outras opções semelhantes, o que suscitou um conjunto de reflexões que se revelaram úteis ao próprio desenvolvimento da pesquisa, reequacionando-a e levando a um amadurecimento dos seus fundamentos e objetivos. Neste curto relato não é possível incluir e analisar devidamente todos estes episódios e as suas consequências, mais ou menos profundas; tal exercício ficará para uma outra oportunidade, onde seja possível refletir mais aprofundadamente acerca dos desafios metodológicos que se colocam a uma abordagem sociológica ao trabalho criativo, que, pelas razões que argumentei, tende a recomendar uma forte aposta em abordagens de cariz qualitativo, sempre muito exigentes do ponto de vista do desenho e operacionalização do modelo analítico da pesquisa.

Referência bibliográficas

Flew, Terry (2012), *The Creative Industries. Culture and Policy*. London/New Delhi: Sage.

Lee, David (2013), "Creative labour in the cultural industries", in *Sociopedia.isa*. International Sociological Association/Sage. Disponível online em <http://www.sagepub.net/isa/resources/pdf/CreativeLabour.pdf> (última consulta 06.02. 2017)

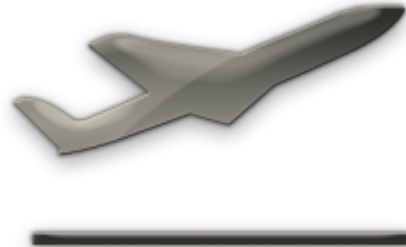
Quintela, Pedro (2017 - no prelo), "A obscuridade do trabalho na "agenda" criativa em Portugal", in *Atas do IX Congresso Português de Sociologia. Portugal território de territórios*. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia.



Tanques americanos e tanques soviéticos frente a frente no Checkpoint Charlie, junho de 1961 | Domínio Público
Fonte: <http://nsarchive.chadwyck.com/bcphotox.htm>

Operação Barbarossa | Nas primeiras horas de 22 de junho de 1941, Hitler lançou a invasão da União Soviética. Foi o maior ataque da história até hoje. Apanhando o comando soviético de surpresa, em dois meses, os alemães e os seus aliados estavam a meio caminho de Moscovo.

Em agosto e setembro, os alemães deslocaram-se para sul, para consolidar o seu domínio sobre a rica Ucrânia e lidar com o enorme número de tropas soviéticas que haviam ficado isoladas na invasão inicial. Em outubro, retomaram o seu caminho para Moscovo, mas o Inverno estava a chegar e as defesas soviéticas estavam no lugar. No início de dezembro, o contra-ataque russo afasta os alemães de Moscovo.



Quem te não viu, anda cego Quem te não ama, não vive

Sebastián Zúñiga Gougain

Doutorando em Pós-Colonialismo e Cidadania Global
CES-FEUC

Ouvir as rodinhas das malas cada domingo à noite, subir e descer (e voltar a subir) colinas até chegar à FEUC e ao CES, receber um almoço na cantina depois das aulas, tentar compreender o sistema de transporte público, caminhar ou correr pelo precioso parque verde, enviar correios eletrónicos para partilhar bibliografia em pdf com os colegas da universidade, ou perguntar alguma coisa que não percebia bem por causa da língua, beber uns copos no Tropical com amigos de distintas partes de Portugal e do resto do mundo, aprender com os conimbricenses a utilizar o transporte público (tás a ver?) e a conviver com a chuva e o sol... estas são algumas das experiências que guardo no meu coração e que estão sintonizadas com uma formação académica de excelência, caracterizada pela capacidade das professoras e dos professores em estabelecer diálogos horizontais com grupos de estudantes muito heterogéneos (além de estar sempre disponíveis para uma conversa).

Gostava de contar que antes de vir para Coimbra dediquei-me à docência universitária. Sou um músico e musicólogo chileno que teve a oportunidade de dirigir o Grupo Estudantil de Música de Câmara da Universidade de Santiago (Usach) e dar aulas de história da música noutras instituições de ensino superior na minha cidade. Paralelamente fazia-aprendia música e dança indígena em bairros populares de Santiago (onde conheci grandes amigos). No ano 2014 decidimos - com a minha companheira - continuar a estudar na área das ciências sociais cá em Portugal (vale a pena sair da "zona de conforto") e fiz o primeiro ano da licenciatura em Sociologia na FEUC (antes de candidatar-me ao doutoramento). >>>

Imagem da Feira Cria'ctiva onde as associações que participam no Cria'ctividade se dão a conhecer aos/às estudantes recém-chegados/as com informação e actividades



Foto: Zita Moura

Com a tentativa alemã de capturar Moscovo frustrada, Hitler voltou a sua atenção para o sudeste. Na ofensiva de Verão de 1942, tentou apoderar-se dos campos petrolíferos do sul da Rússia e do Cáucaso. No entanto, após dramáticos sucessos iniciais, o ataque sai frustrado, tanto no sopé do Cáucaso, como na estratégica cidade de Estalinegrado.

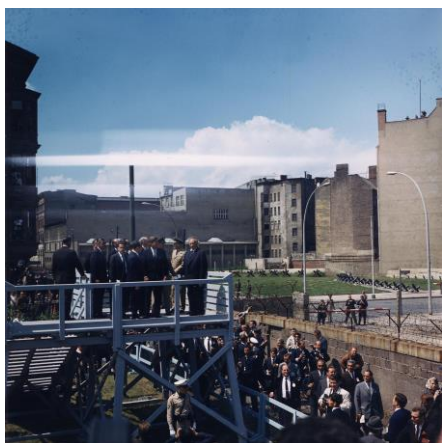
De 23 de agosto de 1942 a 2 de fevereiro de 1943, a Alemanha sofre uma tremenda derrota na frente oriental, sendo o Sexto Exército Alemão sitiado pelos soviéticos.

Com os russos sobrecarregados, obrigados a defender uma vasta frente de batalha, as tropas alemãs reagrupam-se e lançam um contra-ataque na Ucrânia (Kharkov).



Embora exista a possibilidade para que as pessoas maiores de 23 anos ingressem numa licenciatura, temos tendência a pensar que o processo de formação académica é sempre linear. Para os estudantes que querem (e conseguem) continuar vinculados às instituições de ensino superior depois de ter concluído uma licenciatura, deve-se seguir com o mestrado... o doutoramento... o pós-doutoramento e assim por aí fora. Agradeço enormemente a minha experiência na Universidade de Coimbra porque tive a oportunidade de aprender - de volta à posição de estudante - sobre o ensino e a camaradagem numa aula de licenciatura em Sociologia aos meus 37 anos. A solidariedade dos meus jovens colegas foi sempre extraordinária. Sentia-me um igual entre eles e fomos criando aquela cumplicidade que ajuda a ultrapassar comunitariamente as dificuldades que nos fazem crescer. Aprendi muito da ternura e cortesia delas e deles... obrigado turma!

Tanto na licenciatura como no doutoramento, tive contato com professoras e professores comprometidos com um ensino público de ouvidos abertos. Diria que os docentes também assumem a importante responsabilidade de nos aproximar ao "mundo da vida" de Coimbra, socializando connosco as histórias deles na cidade. Aos poucos entendi que a comunidade universitária - embora muito flutuante - faz parte dos ciclos desta terra que nos recebe, alimenta e aceita. Agradeço também a possibilidade de conhecer a cidade através dos olhos e ouvidos de grandes amigos portugueses e moçambicanos que já fizeram toda uma vida cá, na Coimbra do Mondego: Claudett Pereira dos Santos Mendonça (72), Julião Noia de Mendonça (75) e Marco Aurélio Pacule (40). A partir da minha estadia de dois anos e meio, começo a acreditar naquilo que o cantor Zeca Afonso diz: "Quem te não viu, anda cego, Quem te não ama, não vive".



J. F. Kennedy no Muro de Berlim, em junho de 1963 | Robert Knudsen | Domínio Público

A segunda metade de 1943 viu o Exército Vermelho mover-se inexoravelmente para oeste. Até o final do ano, os russos rasgaram as defesas alemãs no Dniepre e recuperaram dois terços do território que haviam perdido na guerra. No início de 1944 puseram termo ao cerco de 900 dias de Leningrado.

No início de 1945, os soviéticos atravessaram a Polónia e, rompendo a fronteira alemã da pré-guerra, aproximaram-se de Berlim.

Antes de meados de 1945, Berlim fica nas mãos dos soviéticos.

Entrevista conduzida por
Caynã de Camargo Santos | Sociologia, FEUC

O professor Pedro Hespanha aposentou-se no ano de 2016. Sua trajetória junto à UC e ao curso de Sociologia, em seus três ciclos, é um exemplo de relação pessoal e intelectual de sucesso. Em tom de homenagem e agradecimento aos anos de dedicação e contribuição inestimável à UC e, principalmente, ao campo da sociologia a nível nacional e internacional, convidamos o professor Hespanha para uma breve entrevista.

Quando não gostamos do que se faz, a reforma constitui uma espécie de libertação e é sentida com muito prazer. No meu caso, sempre gostei do que fiz e, por isso, só me reformei na idade limite para o fazer.



Foto: Eduardo Barata

CCS- Professor, o senhor tem uma longa relação com a Universidade de Coimbra. Desde sua formação académica (licenciou-se em Direito na FDUC e doutorou-se em sociologia na FEUC) até sua atuação como docente e pesquisador, sua trajetória tem se desenrolado majoritariamente junto à instituição. O senhor poderia nos contar um pouco mais sobre os primórdios desse vínculo profissional e pessoal com a UC e, mais especificamente, com a FEUC?

PH - *Vou alargar-me um pouco mais neste primeiro tópico porque ele ajuda a compreender a minha biografia académica. Começaria com uma coincidência que, sugerindo uma forte radicação nesta cidade, pode esconder alguns dos traços mais marcantes do meu perfil: uma razoável trajetória de mobilidade, uma capacidade de adaptação a ambientes distintos e uma mundivivência multifacetada. É que nasci em Coimbra, precisamente na mesma rua da FEUC, onde passei a maior parte da minha vida de professor. Porém, a minha infância e juventude foram passadas em meio rural, na região vinhateira da Bairrada e a minha cidade de referência foi, durante esse tempo, Aveiro e não Coimbra. A aldeia onde vivi a minha infância era, como tantas outras, um pequeno mundo de grande pobreza e de grandes desigualdades, de trabalho duro nas terras e de presença ritmada e intensamente vivida das festas e rituais religiosos. A janela do sótão da minha casa dava para o largo da fonte onde tudo de importante se passava. Meus olhos intrigados assistiam ao leilão das oferendas pela altura da festa anual, em 15 de agosto, à queima do Judas nas vésperas da Páscoa, à chegada estridente, uma vez por semana, da camioneta do peixeiro carregada de raia seca e sardinha reimosa e, todos os domingos, à roga dos homens para o trabalho nas vinhas. Aos doze anos mudei para uma vila próxima, sede de um outro concelho rural mas igualmente pobre. O inconformismo da adolescência, os bons mestres e as leituras orientadas trouxeram-me a consciência política da inevitabilidade da miséria e da capacidade de transformar o mundo. Por isso vim para Coimbra cheio de expectativas em plena crise académica de 1962, para completar o secundário e ingressar num curso superior. A escolha foi direito, apesar das minhas preferências irem para a economia, um curso então inexistente na Universidade de Coimbra. A desilusão foi tão grande quanto a expectativa, mas ainda assim guardo uma boa memória de uns quantos professores excepcionais que tive e que marcaram a minha trajetória. Concluído o curso, trabalhei durante sete anos como jurista de um serviço público para a reestruturação fundiária, tendo percorrido o país rural de norte a sul num período em que a posse da terra era ainda decisiva para definir a condição social da maior parte da população portuguesa. A experiência de contacto com esta realidade foi marcante para a minha carreira académica e, designadamente, para a minha inflexão disciplinar do direito para a sociologia. Desafiado pelo meu ex-professor da Faculdade de Direito Boaventura de Sousa Santos a entrar num projeto de desenvolvimento da sociologia na recentemente criada FEUC, a cuja Direção ele pertencia, voltei à minha cidade-berço para abraçar uma carreira universitária que viria a durar por mais de quatro décadas.*

Olhando para trás e refletindo sobre aquilo que da minha experiência poderá servir aos jovens que ingressam hoje na universidade eu sintetizaria em três as decisões que, no meu caso, foram bem sucedidas: 1) agarrar desde cedo um assunto relevante ou um objetivo prático que nos mobilize, tirando o maior partido da convergência de saberes que a universidade permite; 2) não hesitar em reorientar os estudos universitários quando estes não derem resposta às nossas inquietações e expectativas, mesmo que isso implique uma ruptura disciplinar e 3) combinar uma boa preparação científica com uma rica experiência de terreno.

Na verdade, o olhar do direito sobre os assuntos que me interessavam revelou-se manifestamente insuficiente, não havendo no plano curricular do curso qualquer alusão a esses assuntos. Por isso tive de fazer um caminho de leituras à margem das sebtas, por exemplo, sobre o cooperativismo agrícola e a reforma agrária, duas áreas que só viriam a ser contempladas depois do 25 de abril - e por pouco tempo aliás - no plano de estudos da Faculdade de Direito de Coimbra. Esse caminho deu frutos e marcou tanto a minha primeira experiência profissional com camponeses (em zonas de emparcelamento da propriedade entre 1969 e 1974) e com trabalhadores rurais (já como diretor de um centro de reforma agrária no Alentejo em 1975), quanto a opção pela carreira académica e por um doutoramento em sociologia – o primeiro da Universidade de Coimbra - sobre as práticas fundiárias da população rural portuguesa concluído em 1990, inspirando todo o trabalho de docência e investigação que eu viria a desenvolver posteriormente.

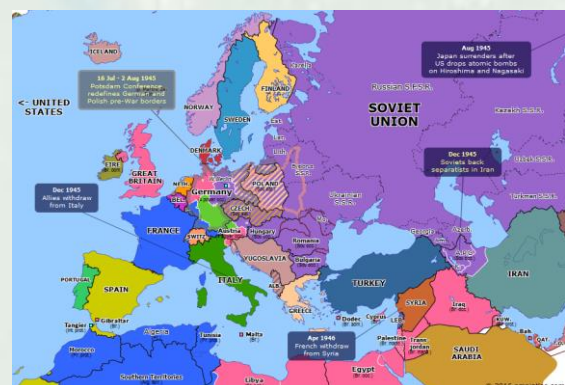
CCS - O senhor é membro fundador do CES, foi presidente do Conselho Diretivo da FEUC, presidiu o Conselho Científico do CES e foi membro do Conselho Geral da Universidade. Além disso, atuou enquanto investigador Visitante da Universidade de Wisconsin-Madison (EUA) e Professor-Visitante das Universidades Federal do Rio Grande do Sul (Brasil), Växjö (Suécia), Agostinho Neto (Angola) e Universidade Internacional de Andaluzia. Em meio a essa carreira tão notória, o senhor poderia nos apontar algum momento de sua trajetória profissional, seja junto à UC ou a outras instituições, que lhe foi especialmente marcante?

PH - Talvez o momento mais importante tenha sido aquele em que tive de decidir pela carreira académica e deixar a minha carreira técnica na função pública.

Já deu para ver que a passagem pelos serviços de reestruturação agrária foi vivida com muita intensidade e me proporcionou um enriquecimento humano e profissional muito para além do esperado. Mas o retrocesso das políticas reformistas no campo e o desmantelamento das estruturas de apoio à pequena agricultura familiar tornavam sombrio o meu horizonte de trabalho. Por seu turno, participar na construção de uma ciência social crítica em Portugal, numa instituição nova e, por isso, sem vícios enraizados e num grupo tão exigente quanto reflexivo, era um desafio aliciante.



A 11 de janeiro de 2017, a Direção da Associação Portuguesa de Sociologia reuniu com os coordenadores dos cursos de primeiro, segundo e terceiro ciclo de Sociologia para fomentar a troca de experiências, o desenvolvimento de iniciativas e a exploração de formas de cooperação (Sala 3 - piso 0 - do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa).



A Europa no final da Segunda Guerra – Omniatlas, 2016

Na opção pela carreira universitária foi decisiva a qualidade da proposta, mas a experiência acumulada durante aqueles anos de contacto com a realidade transformou-se num recurso importantíssimo na minha prestação científica e pedagógica. Foi ele que me conferiu a agilidade necessária para lidar com o terreno, me forneceu constantemente exemplos à mão para operacionalizar conceitos e teorias e me impulsionou a levar os estudantes para fora dos muros da escola.

CCS - Apesar de seus interesses de pesquisa perpassarem um amplo leque de temas, entre os quais a sociologia rural, políticas sociais, sociologia da saúde e economia solidária, a problemática das desigualdades sociais é uma constante em suas investigações. No atual momento de efervescência política, econômica e social ao redor do mundo, no qual direitos sociais, em especial das populações mais carenciadas, têm sido atacados pelas mais diversas frentes, qual é sua leitura geral sobre os caminhos a serem trilhados na academia e fora dela por aqueles que buscam por alternativas ao modelo de desenvolvimento hegemônico, que cumpre em agravar as desigualdades sociais?

PH - *À Universidade cabe um papel muito importante nestes contextos de agravamento das desigualdades, da intolerância e do desprezo pelos direitos básicos das pessoas, ou seja, um papel de esclarecimento dos processos pelos quais se geram e aprofundam esses fenómenos, de aperfeiçoamento das instituições e normas sociais capazes de os contrariar e de defesa e fortalecimento dos grupos sociais marginalizados. Ainda recentemente (novembro de 2016) a Universidade de Coimbra organizou um Dia de Reflexão sobre o futuro de Universidade em que esse papel foi tematizado num painel sobre “Universidade e Sociedade”. Já anteriormente (março de 2015), o Conselho Geral da Universidade de Coimbra tinha aprovado um documento, a cuja comissão relatora tive a honra de pertencer, em que se recomendava a “adoção e divulgação de políticas tradutoras de forte compromisso da Universidade de Coimbra com os princípios gerais de promoção da justiça social e da cidadania, inscritos na sua missão, tendo em conta as várias dimensões em que se desdobra: ser uma instituição aberta e inclusiva; reconhecer a condição cidadã dos seus membros; promover uma cultura de cidadania nos vários espaços da vida universitária, estimulando as iniciativas cidadãs na academia e fora dela” [1]*

Se tivesse de acrescentar mais alguma outra consideração adequada ao contexto desta entrevista, eu diria que aos sociólogos e aos departamentos e centros de investigação de sociologia cabe um papel particular neste domínio quer no sentido de promover e apoiar as iniciativas e arranjos coletivos destinados a consolidar relações socioeconómicas mais justas e equitativas quer no sentido de estudar e refletir sobre as políticas sociais em sentido amplo (sociais, económicas, educacionais, políticas, culturais) e a sua eficácia na redução das desigualdades.

CCS - A título de conclusão, o senhor poderia nos contar quais são seus planos para esse novo momento de sua trajetória pessoal e profissional?

PH - *Quando não gostamos do que se faz, a reforma constitui uma espécie de libertação e é sentida com muito prazer. No meu caso, sempre gostei do que fiz e, por isso, só me reformei na idade limite para o fazer. Felizmente a minha situação atual apenas significa que fico desvinculado da obrigação contratual de prestação de trabalho docente, o que não coarta, antes favorece, o meu envolvimento em atividades ou em trabalho por gosto ou por causas.*

É certo que uma legislação absurda impede que os aposentados do Estado exerçam funções públicas, mesmo que essas funções sejam exercidas a título gratuito, sob pena de perderem o seu direito à reforma. Mas existe, ainda assim, muito campo para trabalho útil e gratificante. Desde logo, no âmbito do Centro de Estudos Sociais que ajudei a criar e onde continuo fortemente envolvido em trabalho de pesquisa e de extensão à comunidade.

Em curiosa coincidência com as preocupações desta entrevista, posso dizer que no futuro próximo continuo muito ocupado: iniciei agora a participação em um projeto de investigação internacional sobre a ação coletiva e o seu impacto na transformação das sociedades atuais; estou envolvido na organização da 1ª Escola de Verão Europeia de Economia Solidária a realizar em setembro em Lisboa; concluí com outros/as e está em discussão pública um relatório no âmbito do Observatório das Crises e das Alternativas sobre as políticas de emprego em tempo de crise; tenho programada para o primeiro semestre deste ano uma deslocação à Universidade Federal Rural do Recife, Brasil para acompanhar projetos em áreas rurais. E mais umas tantas outras coisas que não tem mais sentido aqui referir, entre as quais o trabalho de supervisão de um bom número de dissertações de mestrado e doutoramento.

[1] Conselho Geral da Universidade de Coimbra (2016) Relatório da Comissão Cultura, Cidadania e Comunicação

[http://www.uc.pt/governo/cons_geral/comissoes2013a2016/Relatorio_CCC_Vdef_junho2015.pdf]

O “Cria'ctividade” é uma plataforma de integração alternativa à praxe. Desde 2014, conta já com três edições, propondo para o início de cada ano lectivo um leque de actividades de âmbito cultural, social e desportivo e de entrada livre, sem custo associado. O objectivo do Cria'ctividade é mostrar que Coimbra é mais do que os nossos olhos têm visto, a cada início de aulas, ao longo dos anos, e mostrar a toda comunidade que as práticas praxistas não são a única forma de viver a academia e a cidade. Em 2014, a programação do Cria'ctividade estendia-se a uma semana, tendo crescido para cerca de 32 actividades, em 2016, que se dividiram por quatro semanas. É através destas actividades que se constroem espaços seguros e heterógeneos para toda a comunidade, de forma a que aí se criem, por sua vez, novas relações e formas de estar no meio académico e não académico, sem hierarquias ou submissão.

Conheci o Cria'ctividade em 2014, na sua primeira edição, que coincidia com o meu primeiro ano em Coimbra e na Universidade. O primeiro contacto com o Cria'ctividade deu-se, precisamente, na Faculdade de Economia, no primeiro dia de aulas, quando me entregaram alguns flyers com informação relacionada com o projecto. Nesse ano, participei nas actividades do Cria'ctividade, sendo que no ano seguinte já integrava a plataforma e a organização do mesmo, ao lado dos/as alunos/as que, no ano anterior, me entregaram flyers. Não é raro isto acontecer com os/as participantes do Cria'ctividade, tendo em conta que a sua organização é rotativa e que quase todos/as que o organizam em algum momento já foram participantes.

Como o projecto nasceu no seio de algumas Repúblicas, nesse mesmo dia conheci, também através do Cria'ctividade, a República onde hoje vivo, a Real República do Bota-Abaixo. Depois de uma experiência negativa com a praxe, decidi encontrar alternativas àquilo que naquele dia me havia sido apresentado (e que mais tarde percebi ser hegemónico na cidade) e procurei as Repúblicas, cujos contactos vinham listados nas costas do panfleto entregue aos/às novos/as estudantes. Desde então, o Cria'ctividade expandiu-se e conta actualmente com o apoio de cerca de 40 entidades, incluindo espaços e associações culturais, secções e organismos autónomos da AAC, algumas Repúblicas, entre outros colectivos e pessoas, que têm ajudado a tornar o programa mais diversificado, rico e apetecível.

O crescimento do Cria'ctividade é também fruto da empatia e receptividade que o projecto recebe junto da comunidade conimbricense. Cada vez mais gente procura o Cria'ctividade, entre estudantes e residentes locais que têm acompanhado o desenvolvimento do mesmo. Principalmente porque a comunidade aqui residente conta muito com pessoas envelhecidas, que conhecem muito bem a realidade da praxe em Coimbra, a comunidade aceita e solidariza-se facilmente com a iniciativa, acreditando na urgência e na importância da criação de uma alternativa à realidade que tão bem conhecem.

Embora o Cria'ctividade não seja anti-praxe, mas sim uma alternativa - não havendo uma posição antagónica e sendo as actividades abertas e direccionadas para quem não está na praxe, para quem praxa e é ou foi praxado/a -, com o avançar das edições, aparecem algumas resistências. Quando fazemos uma primeira abordagem e apresentamos o projecto a estudantes de primeiro ano, a primeira resposta é muitas vezes de desconfiança e medo de que da participação no Cria'ctividade advenham represálias no seio da comunidade praxista. Seria incorrecto esconder estas reacções e camuflar a recepção hostil que, com o crescente peso do Cria'ctividade na cidade, o núcleo duro da praxe nos tem oferecido. Esta hostilidade foi mais notória na última edição, principalmente com as tomadas de posição quanto à praxe, por parte dos Ministros da Educação e da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Se, por um lado, o Cria'ctividade tem cada vez mais adesão, visível nos locais dos concertos cada vez mais preenchidos e nos debates cada vez mais participados, regista-se, também uma maior resistência por parte de algumas pessoas que pertencem a estruturas da praxe e que, insistindo em colocar o Cria'ctividade numa posição antagónica à sua, se sentem ameaçadas. No entanto, o projeto não treme com estes conflitos e segue para a próxima edição. As reuniões de preparação querem-se horizontais e heterogéneas, sendo importante o contributo de todos os colectivos e pessoas que a nós se queiram juntar. Para isso é apenas necessário procurar o local e a data das reuniões na página do projeto (facebook.com/coimbracriactiva), aparecer e ajudar no crescimento desta rede.

A Cortina de Ferro estende-se. Em setembro de 1945, em Postdam, Estaline deixou claro que pretendia manter um controlo rígido sobre os países da Europa Oriental que os Soviéticos haviam ocupado durante a Guerra.

Os soviéticos intensificam a atividade comunista no Irão, na Grécia e na fronteira ítalo-jugoslava.

A sociologia e a baixa de Coimbra: tecendo redes entre a investigação, a aprendizagem e a intervenção

Sílvia Ferreira | Coordenadora do Núcleo e da Licenciatura em Sociologia

A Baixa de Coimbra passa por importantes transformações com sinais simultaneamente positivos e negativos. Por um lado, conta-se um acumular de problemas sociais relacionados com o empobrecimento e degradação das condições de habitação, mobilidade e vida de muitos dos seus habitantes, e de problemas económicos tendo em vista o enfraquecimento do comércio tradicional a descentralização da cidade. Por outro, a Baixa começa a ser habitada e usufruída por turistas, que povoam as suas ruas e espaços, e por estudantes, que ultrapassam a fronteira entre a Alta e a Baixa. Instalam-se atividades culturais e artísticas e surgem novas dinâmicas económicas orientadas para estes novos públicos.

Assinala-se um dinamismo proveniente de iniciativas de base, de redes da sociedade civil, que têm vindo a dar um impulso significativo à reflexão e ação na e sobre a Baixa em colaboração com as pessoas que nela habitam e trabalham. Entre estas destacam-se, a Agência de Promoção da Baixa de Coimbra (APBC), o Jazz ao Centro (Salão Bazil), o Há Baixa e o Museu Temporário de Memórias. Na medida em que os dois primeiros dispensam apresentações, refira-se que o Há-Baixa é um projeto voluntário de estudantes de Arquitetura de intervenções arquitetónicas e comunitárias em vários espaços da Baixa. Já o Museu Temporário de Memórias, foi uma estrutura constituída temporariamente no âmbito das comemorações de Coimbra Património Mundial, que durante todo o Verão dinamizou este território. Também aqui se verifica uma melhoria dos canais de comunicação entre agentes e espaços tradicionalmente da Alta e da Baixa.

Desafiada por estes mesmos atores sociais e tendo presente a tradição de produção de conhecimento sociológico sobre a Baixa de Coimbra, a Sociologia olhou de novo para a Baixa de Coimbra, em 2016, através de um conjunto de iniciativas que articularam dimensões de transferência de saber, pedagogias ativas e co-construção de estratégias de intervenção. >>>



A 24 de junho de 1948, a União Soviética promove o Bloqueio de Berlim, intensificando a Guerra Fria.

A 4 de abril de 1949, os EUA e os aliados europeus formam a NATO. A 12 de maio desse ano, a URSS põe termo ao Bloqueio.

Onze dias depois, a zona de ocupação ocidental da Alemanha tornou-se uma república independente. O leste ocupado pelos soviéticos seguiu o exemplo em outubro.

Após a morte de Estaline em 1953, ocorreu um degelo nas relações entre o Oriente e o Ocidente que permitiu o fim das ocupações da Alemanha e da Áustria. No entanto, quando a Alemanha Ocidental foi aceite na NATO, os soviéticos retaliaram formando a sua própria aliança: o Pacto de Varsóvia (1955-1991).

Assim, no dia 28 de julho, Sílvia Ferreira coordenou a conversa no Museu Temporário de Memórias, **Qualidade e Vida na Baixa**, onde participaram docentes e estudantes, residentes e atores sociais com intervenção na Baixa de Coimbra nos domínios social, económico, cultural e artístico. Já no âmbito da semana de receção dos estudantes do primeiro ano da licenciatura em Sociologia realizou-se, no espaço do Museu Temporário de Memórias, no dia 22 de setembro, uma conversa sobre a **Sociologia na Baixa**. Participaram nesta conversa, o Mr. Delacroix, curador do Museu, o professor Paulo Peixoto, e a Doutora Carina Gomes, socióloga e Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra, que falaram sobre a sua experiência de investigação na Baixa e relataram conclusões dos estudos realizados e ideias para a ação. O Dr. Vítor Marques, presidente da APBC, relatou algumas problemáticas, sociais, económicas e culturais da Baixa de Coimbra e refletiu sobre o modo como a sociologia pode ajudar a conhecer e contribuir para resolver algumas destas questões.

O encontro **EN-RED-AR a Cidade – Transformação e Participação: Entre a Teoria e a Prática** juntou, nos dias 16 e 17 de dezembro, estudantes de mestrado e de doutoramento, professores, e atores sociais com intervenções na Baixa da Cidade para pensar a intervenção urbana numa perspetiva de partilha de saberes e de co-construção. Foram apresentados casos de inovação social como o Projeto Há Baixa, de Coimbra, e o Projeto Rés-do-Chão, de Lisboa, uma reflexão sobre a participação dos cidadãos na gestão das cidades, por Isabel Ferreira, estudante do Doutoramento em Cidades e Culturas Urbanas, e uma conferência do professor Claudino Ferreira sobre a agenda criativa em Portugal. No dia seguinte o palco foi a Baixa de Coimbra, dinamizado pelo Jazz ao Centro (Salão Brazil), com uma visita à Baixa, e uma conversa alargada à comunidade.

No âmbito da unidade curricular do terceiro ano da licenciatura, **Gestão e Avaliação de Projetos de Intervenção Social**, os/as estudantes foram desafiados a conceber e planificar projetos orientados para a resolução de problemas sociais da Baixa. Propuseram projetos visando a minimização do isolamento dos idosos, a capacitação das mulheres idosas, a inclusão laboral de pessoas que se prostituíram, a inclusão social de pessoas sem-abrigo ou a saúde mental das pessoas idosas e, para conhecer melhor os problemas, estiveram em contacto com a Associação Atlas, a UMAR, a Associação Ergue-te e técnicas de instituições públicas como a Segurança Social e a Câmara Municipal de Coimbra.

Formas de colaboração futura continuarão a ser experimentadas numa perspetiva de articulação entre a Sociologia e a Baixa, e entre a investigação/aprendizagem e a intervenção, para uma Sociologia que se concebe como pública e prática.



A década de 1960 viu a Guerra Fria aquecer, alimentada por avanços na tecnologia de mísseis. Em 1961, outra crise atingiu Berlim quando o governo comunista da Alemanha Oriental construiu um muro para impedir que os seus cidadãos fugissem para o oeste. O Muro de Berlim manteria os alemães divididos por 28 anos.

As crises do início dos anos 60 colocaram o mundo à beira da guerra nuclear, levando os EUA e a URSS a fazer sérios esforços para aliviar as tensões e reduzir os seus arsenais. Enquanto isso, o próprio mundo tornou-se menos bipolar, à medida que as fraturas cresciam nas relações entre os EUA e a França e, mais seriamente, entre as relações soviético-chinesas.

Viagem

reinventei prazeres
entre conchas e conquilhas
conjugando o lá e o cá
como ria
como aprendesse a andar de bicicleta
outra vez

reconectei elos antigos
esquecidos na espuma
das ondas
degustando os momentos
em vez do tudo ou nada

relativizei a lonjura
com barracas de quimeras
que se abriam como figos
maduros
no pomar das incertezas.

José Pedro Arruda | Doutorado em Sociologia



Foto: Luboshouska | Pixabay | Domínio Público

Os pulhas

invadem espaços
desinformativos
acima dos palcos
sem lei

cantam animados
desenhos e gráficos
impelidos por metas
discursos
in.conveniências

protegidos por espirais
de pregos
rotativas
ao ritmo
da continuidade

a perene percussão
violenta
que molesta
os tímpanos

há muito corrompidos.

Foto: Hans — Salt Margins | Pixabay | Domínio Público

Fotoelicitação

Baseia-se na ideia de usar fotografias para pesquisar. A diferença entre usar imagens e texto ou usar só texto reside no modo como respondemos a estas duas formas de representação simbólica, o que tem uma explicação física: a parte do cérebro que processa a informação visual está mais desenvolvida, em termos evolucionais, do que a que processa a linguagem verbal escrita.

As imagens evocam elementos da consciência humana mais profundos do que a palavra escrita. Deste modo, a foto elicitação produz não só mais conhecimento, mas também um outro tipo de conhecimento e informação. Os estudos que usam a metodologia da foto elicitação dividem-se, normalmente, em quatro grandes áreas: estudos sobre classes ou organização social, sobre comunidade, sobre identidade e sobre cultura. As fotografias usadas podem ser de vários tipos. Num extremo, estão as que seriam consideradas “mais científicas” (inventários visuais de objectos, pessoas e artefactos), seguidas daquelas que representam passados colectivos ou institucionais (locais de trabalho, escolas ou eventos). Estas imagens podem ligar-se ao passado de uma vida individual ou remeter para (e ilustrar) determinado período histórico. Por fim, num outro extremo, estão as fotografias que ilustram as dimensões íntimas do social – a vida em família ou dentro de determinado grupo social, ou o próprio corpo de um indivíduo. Neste aspecto, autores como Harper (2002) sugerem que a foto elicitação possa ser vista como um aumento da autoridade do sujeito sobre a do investigador, ao permitir que este tenha uma maior força discursiva: “uma imagem vale mais que mil palavras”.

Referência: Harper, D. 2002. Talking about pictures. A case for photo elicitation. *Visual Studies*, 17:1, 13-26. Londres: Routledge.

Ritmanálise

Propõe analisar os diferentes ritmos urbanos e os efeitos que têm nos que neles se movimentam. Pensada por H. Lefebvre (2004), a ritmanálise baseia-se na ideia que o espaço é produtor de práticas, de relações sociais e de significados e torna-se uma importante ferramenta metodológica para a observação de dialécticas entre poder e resistência, que caracterizam os meios urbanos.

Na visão deste filósofo e sociólogo, a tarefa central da ritmanálise nas sociedades capitalistas modernas é a crítica do domínio de um ritmo linear (quantificado e homogeneizado em unidades padronizadas, dominante nas sociedades capitalistas) sobre um cíclico (que envolve intervalos de repetição). Os tempos lineares são tempos de repetição, de permutabilidade, ao passo que os tempos cíclicos, embora tragam consigo a repetição, os seus ritmos preservam a diferença e a aparência da novidade. Com esta análise rítmica, Lefebvre propõe um método de compreensão das interrelações entre tempo e espaço na vida do dia-a-dia, enquadrando a vida quotidiana como nível da realidade social. Em termos práticos, a ritmanálise depende do isolamento de um ou outro elemento da vida quotidiana e do seu ritmo do conjunto generalizado. Este processo requer do investigador uma atitude definida: fazer do seu corpo um “metrónomo”, ou seja, um parâmetro para a observação dos corpos dos outros. Assim, será possível documentar padrões de movimentação e relação dos indivíduos entre si e com os espaços.

Referência: Lefebvre, H. (2004). *Rithmanalysis. Space, Time and Everyday Life*. Londres: Continuum.

Shadowing

Procura recolher informações preciosas sobre determinado contexto social através do seu acompanhamento e da sua observação intensa durante um período prolongado. A atitude de exterioridade cria um respeito mútuo e uma simetria entre estranhos: em vez de esperarmos que o outro seja como nós, esperamos diferenças. Estas são uma fonte de conhecimento sobre o outro e sobre nós mesmos.

Um observador, ou um estranho, nunca sabe mais que o próprio actor sobre a sua cultura; no entanto, ele pode ver coisas que o actor não consegue ver devido à sua proximidade. Só com um olhar exterior se conseguem perceber as idiossincrasias de certos modos de vida, revelando que os conceitos de “óbvio” e “natural” são socialmente construídos. A relação entre actor e observador não deve ser de separação completa, mas dialógica. A exterioridade é difícil de alcançar, sobretudo em campos como o estudo de organizações, já que os investigadores tendem a estabelecer a “melhor prática” e a dar conselhos, adoptando uma atitude de condescendência para com os actores. Apesar de a metodologia assentar na premissa de respeito mútuo, a aproximação entre observador e actor nem sempre é uma tarefa fácil, uma vez que exige que se abdique de uma parte da privacidade do observado, causando constrangimento e podendo muitas vezes resultar em pequenos conflitos. Mesmo quando o observador toma parte dos ritmos de vida daqueles que observa, fá-lo dentro de regras e limites, reconhecidos através de transgressões e continuamente renegociados. O desconforto e as dificuldades de comunicação entre as duas partes, causada pela sensação de estranheza, não são, no entanto, problemas a evitar; são sim factores que merecem a atenção do investigador, de modo a fomentar a interacção.

Referência: Czarniawska, B. 2007. *Shadowing and other techniques for doing field work in modern societies*. Abingdon: Marston Book Services.

MEMOIRS é financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC), Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação Horizonte 2020, União Europeia (n. 648624) e está sediado no Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra. Mais info: memoirs.ces.uc.pt

MEMOIRS é um projeto de investigação que propõe uma visão audaciosa e inovadora da história europeia contemporânea a partir das suas heranças coloniais, analisando os legados do modelo de expansão ultramarina do colonialismo europeu, em Portugal, França e Bélgica. O caráter inovador deste projeto traduz-se na sua questão de investigação: qual é o impacto, na Europa atual, da transferência de memórias do fim do colonialismo, nas suas múltiplas configurações, para as gerações seguintes?

MEMOIRS assume que a experiência colonial é uma característica definidora de várias identidades nacionais europeias e pretende interrogar a sua integração nas diferentes narrativas nacionais, através de processos de memórias herdadas. Ao focar o estudo nas memórias (pós-memórias) dos descendentes da geração que viveu os últimos dias do colonialismo, as lutas pela independência e o processo de descolonização das antigas colónias de França, Bélgica e Portugal em África – República Democrática do Congo, Argélia, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe – MEMOIRS pretende demonstrar que o colonialismo não termina com quem o praticou e impôs ou com quem sofreu as suas consequências. Traços da mentalidade colonial e anti-colonial impregnam as gerações vindouras. Perceber esses vestígios e as suas transformações é o que motiva este estudo.

Trata-se de um projeto comparativo que irá revelar como as memórias coloniais, em relação intergeracional, estruturaram as identidades das três nações em análise e espera-se que ofereça um enquadramento para posteriores estudos noutros contextos. Os resultados, previstos em diferentes níveis e com um impacto que irá para além da academia, irão demonstrar a importância das ciências sociais e das humanidades no estudo das relações humanas e na procura de soluções para os obstáculos ao êxito político e cultural e à coesão social em sociedades europeias marcadas pelo respeito pela diferença e pela liberdade individual – valores fundamentais do ideal europeu.

Para tratar um tema desta complexidade, a abordagem é interdisciplinar, agregando especialistas de estudos literários e culturais, estudos artísticos, história, sociologia, antropologia e relações internacionais.



A Prisma entrevistou Michael Löwy, que proferiu na FEUC uma palestra sobre “A Revolução Russa e o Ecosocialismo”

Entrevista conduzida por Izabela Romanoff Paiva

IR: Poderia discorrer sobre o caráter simbólico das comemorações dos 100 anos da revolução russa ocorrerem no momento em que vivenciamos em escala mundial uma marcada ascensão de grupos políticos (encarnados partidariamente ou não) cujas posições são voltadas para o aprofundamento do modelo de desenvolvimento capitalista e de suas decorrentes desigualdades econômicas e sociais?

ML: A Revolução Russa ocorreu em um momento em que toda a Europa estava tomada por potências imperialistas, utilizando métodos bárbaros de exterminação e de guerra, em um momento trágico da história da humanidade. Aparece, de repente, este foco de insurgência, de utopia, de revolta, que foi a Revolução Russa. Às vezes, nos momentos em que ocorrem as ofensivas reacionárias mais poderosas é que surge uma proposta, uma revolta, um processo revolucionário como o de 1917. Não estou dizendo que acontecerá agora necessariamente, estou dizendo que isso também faz parte da nossa reflexão sobre a Revolução Russa. As pessoas que estão sendo vítimas nesta ofensiva capitalista, neoliberal, imperialista, buscam desesperadamente pontos de apoio, para pensar e agir e a Revolução Russa é um destes pontos de apoio. Não é única, não é exclusiva, não é um modelo a ser imitado, mas é um ponto de apoio de que é possível você enfrentar este monstro, esta “Hydra”, que é o sistema capitalista, que é possível você vencê-lo, é possível você destruir o poder dele sobre um país, uma população, iniciar um processo de transição ao socialismo. É, mais uma vez, sem ser um modelo, um exemplo da possibilidade de ruptura com o sistema capitalista. É claro que nas lições da Revolução Russa, temos que levar em conta o desenvolvimento negativo que teve a União Soviética, o Stalinismo, para terminar com esta grotesca restauração capitalista. Temos então que aprender, deste processo negativo, mas não deixa de existir a revolução de Outubro, como sinal de esperança para as gerações do presente e do futuro.

IR: Qual seria o legado reconhecível da revolução de 1917 na Rússia de hoje – tanto em termos de políticas internas quanto externas?

ML: A Rússia hoje em dia é um país em que uma oligarquia capitalista feroz, parasitária, se apoderou de todas as fontes de produção e de energia criadas pelo povo soviético para especulação e com apoio de um poder político autoritário e policial de Vladimir Putin. A Revolução Russa aparece como algo que faz parte da tradição do povo russo; apoio para tentar mudar esta situação. >>>



Michael Löwy, na FEUC, 8 de fevereiro de 2017

Em 1973, o Egito e a Síria, apoiados pelos soviéticos, tentaram retomar as terras conquistadas por Israel em 1967. Falharam, mas o apoio dos EUA a Israel levou a um embargo árabe contra o Ocidente que conduziu a uma enorme crise energética. Em 1979, uma revolução islâmica no Irã derrubou o Xá pró-Ocidente. Mais tarde, nesse ano, as forças soviéticas invadiram o Afeganistão para apoiar o governo comunista contra uma revolta similar.

Na década de 1980, o Bloco de Leste mostrava-se incapaz de acompanhar, quer econômica, quer tecnologicamente, o Ocidente.

O líder soviético Mikhail Gorbachev introduziu reformas econômicas e abriu a política soviética. Desenvolveu melhores relações com o Ocidente ao declarar o fim da intromissão soviética na Europa Oriental.

Sociologia na Semana Cultural da UC

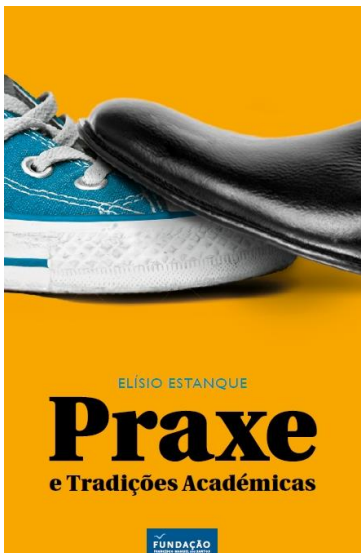


Sociologia de A a B é o nome da iniciativa organizada pelo Núcleo de Docentes de Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra que está incluída na programação da 19ª Semana Cultural da UC. Trata-se de um conjunto de sessões de narração oral centradas nas vidas de Harriet Martineau e de Max Weber, dois dos pensadores cujas ideias fazem parte da herança teórica e metodológica da sociologia. Helena Faria será a contadora das suas histórias. Partindo do **A** (Autores) da sociologia pretende chegar-se ao **B** (a Biografia narrada desses autores que revelarão os “Bastidores” do seu pensamento e obra). As sessões decorrerão na Sala do Carvão da Casa das Caldeiras nos dias 27 de abril (às 17h30m e às 18h30m) e 28 de abril (às 17h30m). Esta iniciativa tem o apoio do Teatro Académico de Gil Vicente e da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

A Universidade de Verão da UC e a Sociologia

Todos os anos a Universidade de Coimbra realiza uma Universidade de Verão que traz a Coimbra, de todas as partes do País, estudantes pré-universitários no mês de Julho. Em 2017 a Universidade de Verão decorrerá entre 15 e 21 de julho, com múltiplas atividades, informativas e lúdicas, oferecidas pelos diferentes cursos da UC e outras de caráter geral. As inscrições decorrerão entre 15 de abril e 15 de junho e as vagas são limitadas (<http://www.uc.pt/UV>).

No ano de 2016 a Sociologia organizou quatro sessões de apresentação de filmes e discussão sobre temas como inovação e empreendedorismo na resolução de problemas sociais, refugiados e migrações, a desigualdade entre salários femininos e masculinos e a música pop/rock como testemunho das transformações socioculturais em Portugal. Em 2017 os temas das sessões incluirão Economia social e solidária para um mundo sustentável; Crime e Violência; Cidade, riscos, planeamento e qualidade de vida; e Namoro e relações amorosas.



O lançamento do livro “Praxe e Tradições Académicas”, de Elísio Estanque, foi pretexto para dois debates. Um a 19 de outubro de 2016 no Café Santa Cruz. Outro na Faculdade de Economia a 2 de novembro de 2016.

As decisões de Gorbachev começavam a testar a integridade estrutural da própria União Soviética. Em agosto de 1991, os radicais comunistas decidiram que as coisas tinham ido longe demais e lançaram um golpe para derrubar Gorbachev e reverter as suas reformas. Mas era tarde demais. O golpe carecia de apoio popular russo e, em vez disso, a desintegração soviética acelerou. As primeiras repúblicas soviéticas a separar-se foram os Estados bálticos, cuja anexação pela União Soviética em 1940 nunca fora reconhecida pelo Ocidente. A Lituânia tinha declarado a independência em 1990. Perante a pressão internacional contra a tentativa de contra golpe soviético, a URSS reconheceu a independência de todos os três estados Bálticos: Lituânia, Letónia, e Estónia.

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO

Izabela R. Paiva, *Mobilização legal em torno da liberação do uso de células estaminais embrionárias para fins científicos no Brasil e em Portugal*. Orient.: João Arriscado Nunes

Capitolina Rodrigues, *Políticas públicas para a deficiência e orientação para a vida independente: um estudo sobre o impacte da lesão medular*. Orient.: Pedro Hespanha

Cátia Fernandes, *Violência nas relações de intimidade entre pessoas do mesmo sexo: estudo exploratório sobre os mecanismos de apoio à vítima de violência na intimidade*. Orient.: Madalena Duarte

Dolores Mendes, *A minha escola foi a minha vida: o reconhecimento formal da aprendizagem ao longo da vida*. Orient.: Paulo Peixoto

Margarida Simão, *Viver a conta-gotas : um estudo sobre a qualidade de vida dos idosos que habitam na zona histórica da cidade de Coimbra*. Orient.: Paulo Peixoto

DOUTORAMENTOS

Doutoramento em Sociologia

Michel Fernandes da Rosa, *Os Atingidos de Belo Monte: experiências de sofrimento e agravos à saúde no contexto de um megaprojeto hidroelétrico na Amazônia brasileira*. Orient.: João Arriscado Nunes

Doutoramento Cidades e Culturas urbanas

Cláudia Rodrigues, *A cidade noctívaga: ritmografia urbana de um party district na cidade do Porto*. Orient.: Carlos Fortuna

Doutoramento em Direito, Justiça e Cidadania no Século XXI

Teresa Maria Maneca Lima, *O que a lei não vê e o trabalhador sente. O modelo de reparação dos acidentes de trabalho em Portugal*. Orient.: António Casimiro Ferreira

Doutoramento em Governança, Conhecimento e Inovação

Alexandra Martins Silva, *Megaprojetos, conflitos e processo decisório - a análise de uma controvérsia intemporal chamada Belo Monte*. Orient.: João Arriscado Nunes

Doutoramento em Sociologia - Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo

Dora Fonseca, *Movimentos sociais e sindicalismo em tempos de crise. O caso português: alianças ou tensões latentes?*. Orient.: Elísio Estanque

O fracasso do contra golpe quebrou o Partido Comunista e acabou com o domínio soviético.

O poder real caiu nas mãos das repúblicas. designadamente a Rússia e a Ucrânia.

Em 25 de dezembro de 1991, incapaz de impedir as repúblicas de afirmarem a sua independência, Gorbachev renunciou e a União Soviética foi oficialmente dissolvida.

O colapso do poder russo em 1989-91 permitiu que a NATO e a UE absorvessem não só os anteriores satélites soviéticos na Europa Oriental, mas também as antigas repúblicas soviéticas no Báltico. Nos anos 2000, a Geórgia, a Ucrânia, e alguns dos outros ex-estados soviéticos começam a seguir o mesmo alinhamento. Mas uma Rússia ressurgente interveio na disputa da Geórgia com as suas próprias repúblicas separatistas e os pensamentos de expansão Ocidental foram colocados em espera.

Em 2014, uma revolução pró-europeia derrubou o governo pró-russo da Ucrânia. A Rússia respondeu reunindo tropas na fronteira ucraniana e apoiando a adesão da república ucraniana da Crimeia à Federação Russa. Os EUA e seus aliados passaram a apoiar a Ucrânia impondo sanções à Rússia. Após a anexação russa da Crimeia, forças pró-russas eclodem em todo o sul e leste da Ucrânia, exigindo referendos. O movimento foi mais forte na região sudeste de Donbass, onde grupos separatistas assumiram o poder em Donetsk e em Luhansk.

Fonte da cronologia: OMNIATLAS | <http://omniatlas.com/>

O regresso do

ENES¹⁷

ENCONTRO NACIONAL DE
ESTUDANTES DE SOCIOLOGIA

vai ser em COIMBRA!

**MARISA
MATIAS**

Ⓢ Socióloga



Ⓢ 14-00 h
17 MARÇO 2017
Auditério FEUC
"Radicalismos e populismos e a liberdade onde fica?"

**JOSÉ
MILHAZES**

Ⓢ Historiador



Ⓢ 14-00 h
17 MARÇO 2017
Auditério FEUC
"Radicalismos e populismos e a liberdade onde fica?"

**Frei Bento
Domingues**

Ⓢ Sociólogo



Ⓢ 14-00h
17 MARÇO 2017
Auditério FEUC
"Radicalismos e populismos e a liberdade onde fica?"

**Assunção
Cristas**

Ⓢ Presidente CDS-PP



Ⓢ 17-00 h
17 MARÇO 2017
Auditério FEUC
"Lugar da mulher é..."

**RÉGINA
TAVARES
DA SILVA**

Ⓢ Socióloga



Ⓢ 17-00 h
17 MARÇO 2017
Auditério FEUC
"Lugar da mulher é..."

**MANUEL
CARVALHO
DA SILVA**

Ⓢ Sociólogo



Ⓢ 11-00 h
18 MARÇO 2017
Auditério FEUC
"Economia de mais dados com a sociedade: verdade ou utopia?"

**PAULO
PEDROSO**

Ⓢ Sociólogo



Ⓢ 11-00 h
18 MARÇO 2017
Auditério FEUC
"Economia de mais dados com a sociedade: verdade ou utopia?"

**Teodora
Cardoso**

Ⓢ Economista



Ⓢ 11-00 h
18 MARÇO 2017
Auditério FEUC
"Economia de mais dados com a sociedade: verdade ou utopia?"

**BOAVENTURA
DE SOUSA
SANTOS**

Ⓢ Sociólogo



Ⓢ 17-00 h
18 MARÇO 2017
Auditério FEUC
"O futuro de Portugal na Europa"

**JOSÉ
MANUEL
PUREZA**

Ⓢ Professor de Relações Internacionais



Ⓢ 17-00 h
18 MARÇO 2017
Auditério FEUC
"O futuro de Portugal na Europa"

**André
Freire**

Ⓢ Sociólogo



Ⓢ 17-00h
18 MARÇO 2017
Auditério FEUC
"O futuro de Portugal na Europa"

**JOVEM
CONSERVADOR
DE DIREITA**

Ⓢ Político



Ⓢ 22-00 h
18 MARÇO 2017
A definir
"Sociedade D um Raio"

**RICARDO
PAES
MAMEDE**

Ⓢ Economista



Ⓢ 11-00 h
18 MARÇO 2017
Auditério FEUC
"Economia de mais dados com a sociedade: verdade ou utopia?"

**Alberto
Martins**

Ⓢ Advogado



Ⓢ 11-00h
19 MARÇO 2017
Auditério FEUC
"Jovens de futuro"

**Daniel
Oliveira**

Ⓢ Jornalista



Ⓢ 11-00h
19 MARÇO 2017
Auditério FEUC
"Jovens de futuro"

**Alexandre
Amado**

Ⓢ Presidente CESAAC



Ⓢ 11-00h
19 MARÇO 2017
Auditério FEUC
"Jovens de futuro"

WORKSHOP
**"GET2WORK
Conquiste o seu Emprego!"**
1 **talenter.**
Ⓢ 10-30h
17 MARÇO 2017
Auditério FEUC

16 a 19 de Março | 2017
Faculdade de Economia da
Universidade de Coimbra

ORGANIZAÇÃO



ENES

ENES¹⁷
ENCONTRO NACIONAL DE
ESTUDANTES DE SOCIOLOGIA

Contactos

Email: newsoc@fe.uc.pt

Morada: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Av. Dias da Silva, 165, 3004-512 – Coimbra – Portugal.

Orientações para publicação:

A Newsletter *prisma.soc* é uma publicação dos cursos de Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) destinada à difusão de informação e à publicação de pequenos ensaios e reflexões, assim como à divulgação de encontros e eventos realizados na FEUC e outras instituições. A *prisma.soc* publica textos da autoria de estudantes e professores dos cursos de pós-graduação, mestrado e doutoramento em Sociologia, mas também aceita contribuições de todos/as interessados/as em divulgar trabalhos e informações de natureza sociológica. A decisão sobre a publicação de contributos não solicitados será comunicada com celeridade aos autores.

Os/as colaboradores/as da *prisma.soc* devem observar as seguintes limites para as várias rubricas (em número de caracteres, incluindo espaços): "No terreno": 5.000; "Ensaio": 7.000; "Encontro": 3.000. As restantes colaborações não solicitadas não devem exceder 3.000 caracteres.

Os textos propostos devem incluir uma imagem de ilustração, a ser enviada conjuntamente para: newsoc@fe.uc.pt.

Outras informações poderão ser consultadas em: <http://www.uc.pt/feuc/eea/doutoramentos/sociologia/prisma.soc>